



HOMENS EM CONSTRUÇÃO: REFLEXÕES SOBRE PERFORMANCES DE MASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Paulo Melgaço da Silva Júnior¹
Leandro Teofilo de Brito²

Resumo

O objetivo central deste artigo é refletir e discutir sobre como meninos estudantes da educação infantil e pré-escola cocostroem suas masculinidades, a partir de interações cotidianas nas escolas. Defendemos a relevância desta pesquisa, uma vez que será nestes espaços que meninos e meninas aprendem as possibilidades de ser masculinos e femininos. Para tal, realizamos pesquisa em duas escolas da periferia urbana de Duque de Caxias - RJ, com dados gerados por meio da observação participante e entrevistas. Com o estudo, observamos que nestes níveis de escolarização é possível reforçar as masculinidades normativas e, ao mesmo tempo, subverter as normas.

Palavras-chave: Masculinidades, queer e escola.

Introdução

De acordo com Connell (2016) a pesquisa sobre masculinidades atualmente é mundial, oferecendo-nos ricas bases para entendimento desse tema em arenas globais. Neste sentido, consideramos masculinidades como prática de engajamento e pertencimentos a grupos, assim acreditamos que a escola se construiu em um importante espaço é no qual possível reforçar ou subverter modelos hegemônicos de gênero e masculinidades que vem sendo repetidos e reforçados ao longo dos tempos.


É relevante destacar que é a educação infantil, período compreendido da creche a pré-escola, marca o momento em que a criança passa a conviver com outros grupos sociais diferentes do núcleo familiar. Neste local elas irão vivenciar novas relações de poder de gênero e raciais, colocando em xeque ou reforçando os diversos discursos que circulam no núcleo familiar.

De acordo com Viana e Finco (2009), neste novo espaço, o corpo ganha destaque: os gestos, os movimentos e as posturas são alinhavados socialmente; ganham determinado lugar e uma imagem, segundo padrões de conduta e valores culturais em que cada criança se insere.

¹ Doutor em Educação –UFRJ, FAETEC, E-mail pmelgaço@uol.com.br

² Doutor em Educação – UERJ, Colégio Pedro II, E-mail: teofilo.leandro@gmail.com





Na educação infantil e pré-escola, podemos presenciar uma grande preocupação com a pedagogização dos corpos: as normas de feminilidade e masculinidade são retomadas a todo momento, seja no uso do espaço, nas filas, nos jogos e brincadeiras. A todo momento corpos são vigiados para que não escapem às normas.

Nesta perspectiva, para atingirmos os objetivos propostos, realizamos uma pesquisa em duas escolas do município de Duque de Caxias, buscando compreender como três meninos se coconstroem como homens, seja reforçando ou subvertendo os modelos heteronormativos reconhecidos e socialmente valorizados, a partir de suas brincadeiras e interações.

Destacamos que as escolas estão localizadas na periferia de Duque de Caxias. A primeira, que ilustra os dois primeiros casos, aqui denominada “Escola Central3”, fica próxima ao centro e recebe alunos/as da pré-escola ao 5º ano do ensino fundamental. É pequena, com apenas 5 salas de aula e um pátio onde acontecem as aulas de Educação Física e atividades recreativas. Atende a uma média de 200 alunos em dois turnos. A segunda denominamos “Escola Liberdade”, localizada em um bairro do 2º distrito, é um pouco maior, atende a uma medida de 250 alunos/as da educação infantil ao primeiro segmento do ensino fundamental.


Teorias Queer e masculinidades em questão

Pensar em Teorias Queer significa privilegiar a ideia de uma política pós-identitária (LOURO, 2008). O objetivo da vertente teórica em questão é problematizar e interrogar a sexualidade considerada “normal” (a heterossexualidade), assim como os processos que criam os sujeitos normais (hegemônicos). Nesse sentido, ela propõe questionar as lógicas tradicionais que operam o pensamento, discutindo as práticas e os pressupostos sociais que enfatizam a heterossexualidade como normal/ natural.

Em vista disso, neste artigo, “queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier” (LOURO, 2008, p. 38), com o objetivo de desestabilizar e problematizar sedimentações de qualquer natureza ou dogmatismo. Wilchins (2004) reforça o pensamento de que toda norma é sempre opressiva e dominadora. Por conseguinte, a proposta é romper com as oposições binárias que existem tanto nos discursos homofóbicos como nos discursos que favorecem a homossexualidade – porque estes não escapam à heterossexualidade como norma (CAETANO, 2016), assim como ocorre com os discursos de gênero. Desse modo, desconstruir as oposições binárias que regem a formação da identidade também é revelar as

³ Destacamos que todos os nomes citados ao longo do texto, seja de escolas ou de sujeitos, são fictícios.





relações de poder que estão por trás delas e os jogos de verdade que se organizam e são por elas organizados (CARLSON, 1998).

Para Sullivan (2003), queer é um posicionamento que potencialmente pode ser tomado por todos/as aqueles/as que se sentem marginalizados/as. Ao desnaturalizar o entendimento de sexo, gênero e desejo, as teorias queer negam a heteronormatividade, a homonormatividade e a própria tolerância. Elas surgem, dentre outras possibilidades, como réplica às definições rígidas de identidade que pretendem homogeneizar todas as pessoas a partir de uma performatividade (BACHILLER, 2005).

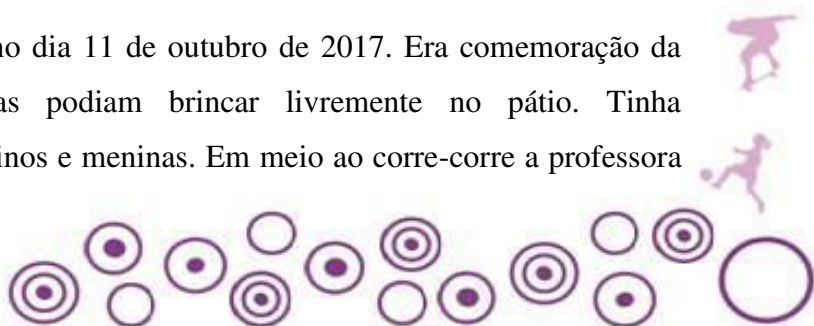
As teorias queer não se constituem em um ponto de chegada, pois sua proposta é um ponto de partida; significam desafiar e fazer valer a voz e o poder do outro (TIERNEY; DILLEY, 1998). Trata-se de uma forma diferente de entender a cultura e a política, uma dissidência que centrifuga a dominante, cujo objetivo central é produzir e fazer circular novos discursos (efeitos queer) que contribuam para problematizar e trocar certas regras do jogo de dominação (NUÑEZ, 2005).


Ao mesmo tempo, Butler (1999, 2003) busca desnaturalizar o sentido biológico de sexo e gênero, mostrando que são culturalmente construídos e reforçando assim o seu caráter discursivo. O corpo é, em si mesmo, uma construção, assim como o é a miríade de corpos que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à generificação (BUTLER, 2003).

No que se diz respeito às masculinidades, Badinter (1993), Moita Lopes (2001) e Silva Junior (2017) nos mostram que são comunidades imaginadas e marcadas por discursos e pertencimentos a determinados grupos. Em outras palavras, elas não existem como estruturas consolidadas de papéis, contudo, não podemos negar a existência de uma grande preocupação em criar regras e normas que integrem (disciplinem) os corpos de homens ao essencialismo identitário. São práticas diárias nas quais garotos são engajados, enfatizando agência (FROSH; PHOENIX; PATTMAN, 2002), e, neste sentido, as masculinidades são construídas e reconstruídas, em outras palavras, performatizadas, não podendo ser tomadas como realidades imutáveis e objetivas, estando sempre de acordo com a história e a cultura, bem como sujeitas às relações de poder.

Construindo masculinidades: interações cotidianas

A primeira interação aconteceu no dia 11 de outubro de 2017. Era comemoração da semana das crianças. Os/as alunos/as podiam brincar livremente no pátio. Tinha aproximadamente 12 crianças entre meninos e meninas. Em meio ao corre-corre a professora



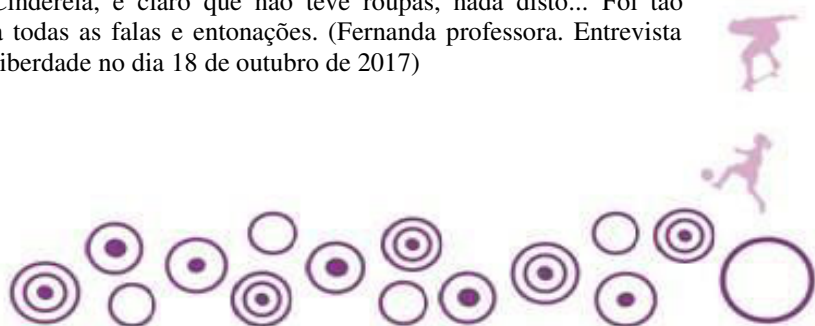


propôs uma brincadeira em conjunto sugerindo que todos/as brincassem de pique e pega. A reação de Pedro chamou a atenção de um dos pesquisadores. Imediatamente ele gritou “ah tia brincadeira de menino com menina junto?... é muito ruim”. A professora tentou conversar: “Ruim? Porque? Vocês são todos amigos...tem que brincar juntos”... “As meninas atrapalham tudo”. Achando curiosa aquela assertiva o pesquisador interveio na conversa e perguntou porque elas atrapalhavam. Lucas, outro garoto da turma, não se intimidou na frente do professor que já conhecia dos espaços comuns da escola e respondeu: “Tio elas choram atoa... todo mundo pega elas rápido e acaba perdendo”. Procuramos a professora e ela nos contou que o aluno é muito competitivo, tem muita dificuldade em participar de jogos que não seja por competição, sempre quer o melhor time, sempre participa de atividades brutas e que requerem força física. (Anotações do caderno de notas, 11/10/2017).

A segunda interação aconteceu na mesma turma e na mesma semana. No dia 13 de outubro. Um grupo de crianças brincava muito concentrado em um canto do pátio. Eles brincavam de casinha. Era um pai, a mãe, três filhas. A brincadeira chamou a atenção do professor pesquisador, que foi conversar com a professora sobre como o menino que fazia o pai estava concentrado e levando a sério o papel do pai. A professora até brincou que Lúcio era o único aluno que brincava desta maneira, sempre que tinha tarefa para organizar, limpar, brincar de família ele sempre participava como pai que cuidava dos filhos...lavava, mandava os filhos tomarem banho e ainda fazia comida (caderno de notas, 1/10/2017).

A terceira interação foi relatada por uma professora que chegou a escola, na qual um dos pesquisadores leciona, para fazer aulas extras. O caso aconteceu em outra escola da rede pública municipal no ano de 2015. Durante as aulas de teatro, na educação infantil, a professora estava preparando a peça Cinderela para apresentação da turma e o aluno Marcos quis a todo custo viver o papel principal feminino. Segundo a professora:

Quando ele tinha uns 6 anos... é... ele estava no primeiro ano, a professora de teatro estava criando com os alunos uma peça que devia ser a adaptação de Cinderela... Não é que ele cismou que queria ser a Cinderela do teatro? Foi uma loucura... a professora ofereceu diversos papéis, mas ele queria ser a Cinderela. Ninguém tirava esta ideia da cabeça dele... foi muito complicado. Ele sabia todas as cenas da Cinderela, todas as danças...olha sabia até mais do que as meninas escolhidas para o papel. (Ele é criado pela mãe e avó). A professora chamou a avó e ela não aceitou nem pensar na situação... Ninguém sabia como contornar.... Então...a professora teve a ideia, combinou com ele em fazer um ensaio... uma apresentação pequena para algumas professoras. Neste dia, ele foi a Cinderela e ela o príncipe.... Aí no dia do espetáculo ele faria um dos anaozinhos.... Você precisava ver a felicidade do menino fazendo a Cinderela, é claro que não teve roupas, nada disto... Foi tão bonitinho... ele sabia todas as falas e entonações. (Fernanda professora. Entrevista realizada na escola Liberdade no dia 18 de outubro de 2017)





Considerações

A proposta central desta pesquisa foi refletir e discutir sobre como garotos da educação infantil e pré escola cocostroem suas masculinidades a partir de interações cotidianas nas escolas. Neste sentido, observamos que nestes níveis de escolarização as regras, os discursos acabam por reforçar as masculinidades hegemônicas ou normativas. Contudo, percebemos que é subverter as normas e construir masculinidades queer sem que sejam consideradas subalternas ou que haja hierarquização entre elas.

Porém torna-se necessário compreender que essas observações e a pesquisa aconteceram em um contexto específico de interação. Existe, também, a possibilidade de os meninos participarem de outras experiências de vida e, então, quem sabe, reinventarem-se em seus discursos e em suas masculinidades. Contudo, acreditamos que a noção de masculinidade queer pode ser potente para a compreensão de como as performatividades não-heteronormativas promovem uma desconstrução e uma problematização das performances/linguagens hegemônicas. Defendemos o argumento de que o entendimento destas múltiplas masculinidades no contexto escolar pode contribuir para a construção de novas relações nesse espaço e, conseqüentemente, de um currículo com um olhar mais sensível às relações humanas em sua complexidade.

Referências

BACHILLER, C. R. Poscolonialismo y teoria queer. In: CORDOBA, D.; SAEZ, J. VIDARTE P. (Ed.) **Teoria Queer**: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Barcelona/Madri: Egales, 2005.

BADINTER, E. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BUTLER, J. **Corpos que pensam**: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, G. L. (Org.) **O Corpo educado**: pedagogia da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 151-72.

_____. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAETANO, M. **Os gestos do silêncio para esconder as diferenças**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

_____. **Performatividades reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Editora Appris, 2016.

CONNELL, R. W. Políticas de masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.





_____. **The men and the boys**. Berkeley: The University of California Press, 2000.

_____. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CARLSON, D. Who Am I? Gay Identity and a Democratic Politics of the Self. In: PINAR, W. E. (Org.) **Queer Theory in Education**. New Jersey e Londres: Lawrence Erlanbaum Associates Publishers, 1998.

FROSH, S. PHOENIX, A. & PATTMAN (2002). *Young Masculinities*. New York: Palgrave.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MUÑOZ, A. C. Teoria rara. In: CORDOBA D.; SAEZ J. VIDARTE P. (Ed.). **Teoria Queer**: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Barcelon/Madri: Egales, 2005.

NUÑEZ, F. V. La fuga de las bestias. In: CÓRDOBA, D.; SÁEZ, J.; VIDARTE P. (Ed.) **Teoría Queer**: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas. Barcelona/Madri: Egales, 2005

PRINS, B.; MEIJER, I. C. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Tradução Susana Bornéo Funck. **Estudos Feministas**, v.1, ano 10, p. 155-67, 2002.

SILVA JÚNIOR, P. M. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar**. 2014, 236f. Tese de doutorado. PPGE/UFRJ, RJ, 2014.

_____, “Se der mole... eu passo o rodo”: quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. **Revista Café com sociologia**. v. 6, n. 1. p. 53-70, jan./abr. 2017.

SULLIVAN, N. **A critical introduction to queer theory**. Nova York: New York University Press, 2003.

TIERNEY, W.; DILLEY P. Constructing Knowledge: Educational Research and Gay and Lesbian Studies. In: PINAR, W. E. (Org.). **Queer Theory in Education**. New Jersey/Londres: Lawrence Erlanbaum Associates Publishers, 1998.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na educação infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 33, p. 265-283, dez. 2009

WILCHINS, R. **Queer theory, gender theory**. Los Angeles: Alysson Books, 2004.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira

Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

